

O PLURILINGUISMO BAKHTINIANO EM MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

BAKHTINIAN PLURILINGUIISM IN POSTUM MEMORIES OF BRÁS CUBAS

Carlos Magno da Mata¹

Universidade de Brasília

Resumo: O plurilinguismo de Mikhail Bakhtin é importante para os estudos da linguagem romanesca, ou seja, a dos romances, cujas observações estão centralizadas nos recursos de construção da língua, empregados para conferir a densidade essencial de bivocalidade a esse gênero, sendo seu elemento distintivo principal por se tornar social. Estas características bakhtinianas não passam despercebidas na obra Memórias Póstumas de Brás Cubas, onde o autor faz uso desse atributo plurilinguístico para criticar a sociedade carioca por meio do pensamento e da vida de Brás Cubas. Assim este trabalho objetiva a discutir como Machado de Assis imprimia sua visão de mundo por meio da voz de Brás Cubas, personagem central do romance. O plurilinguismo será focalizado, em seus aspectos ideológico, simbólico e cultural no contexto carioca do século 19 e da obra machadiana. Bakhtin destaca as particularidades do plurilinguismo no romance humorístico em romances como de Little Dorrit, de Charles Dickens. Bakhtin salienta que se pode introduzir “linguagens” ideológico-verbais multiformes, como a de gêneros, profissões, grupos sociais, orientadas e familiares (como mexericos, tagarelices mundanas, etc.) e a representativa do discurso direto do autor. Com o emprego delas também se constrói uma estilização paródica, que são sócio ideológico, que podem representar a falsidade, a hipocrisia, etc., por meio de uma fala autoritária, reacionária, condenada à morte ou à substituição, criando uma perspectiva ideológico-verbal particular.

Palavras-chave: plurilinguismo; Bakhtin; Machado de Assis; linguagem.

Resumen: El plurilingüismo de Mikhail Bakhtin es importante para los estudios del lenguaje novelístico, es decir, novelas, cuyas observaciones están centradas en el lenguaje de los recursos de construcción, que se utiliza para dar la densidad bivocalidade esencial de este género, y su principal característica distintiva de convertido en social. Estas características bakhtinianas no pasan desapercibidos en la obra Memorias póstumas de Brás Cubas, donde el autor hace uso de este atributo lingüística múltiples para criticar la sociedad de Río a través del pensamiento y la vida de Brás Cubas. Este estudio tiene como objetivo analizar cómo Machado impreso su visión del mundo a través de la voz de Brás Cubas, el personaje central de la novela. El plurilingüismo se centrará en sus aspectos ideológicos, simbólicos y culturales en el siglo 19 y Río contexto la obra de Machado. Bakhtin destaca las peculiaridades del plurilingüismo en la novela de humor en novelas como La pequeña Dorrit, Dickens de Charles. Bakhtin hace hincapié en que puede entrar en "lenguas" multiforme ideológico verbal como los sexos, profesiones, y los grupos sociales orientados a la familia (como el chisme, charla mundana, etc.) y el representante de la

¹ Aluno do Doutorado em Literatura, PosLit, pela Universidade de Brasília; Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins; Especialista em Docência Universitária e Graduado em Letras Português/Espanhol – UniEVANGÉLICA. Docente do IFG, Campus de Anápolis. E-mail: magnomata@hotmail.com.

expresión directa autor. Con el uso de ellos también construye una estilización paródica, que son socio-ideológico, que puede representar la falsedad, la hipocresía, etc., a través de un discurso de autoridad, reaccionaria, condenado a muerte o el reemplazo, la creación de un punto de vista ideológico-particularmente verbal.

Palabras-clave: plurilingüismo; Bakhtin; Machado de Assis; lengua.

Submetido em 21 de maio de 2020.

Aprovado em 8 de julho de 2020.

Introdução

Relacionar as teorias bakhtinianas com os textos machadianos requer um conhecimento de mundo polissêmico, reconhecendo diversas possibilidades textuais na linguagem de Machado de Assis e na de Bakhtin, uma vez que, ambos os escritores, conviveram com diversas línguas, com diversos produtos sociais, se envolveram no mundo sociopolítico e, essas situações influenciaram na produção teórica e literária, respectivamente, dos autores citados. À guisa de introdução faz-se salutar conhecer rapidamente o contexto de vida de cada um.

Mikhail Bakhtin (1895-1975) é um teórico da linguística amplamente estudado no Brasil cujas obras desenvolvem teorias da plurilinguagem, quando ele se propõe a mostrar a voz do outro dentro do texto, que embasam numerosos textos críticos sobre a nossa literatura e hodiernamente está em voga. Aos nove anos de idade viveu na Lituânia e conviveu com muitas línguas, diferentes grupos étnicos, diversas classes sociais. Nela falava-se o polonês, o lituano e o iídiche, sinal de que a poliglossia ou heteroglossia – variedade de línguas – esteve ao seu lado desde muito cedo e perpassou por toda sua obra.

Em Odessa, convivendo com a língua judaica, formou-se em História e filologia, torna-se professor em Nevel, constituindo um círculo de amigos, mais tarde conhecido como Círculo de Bakhtin. O círculo de Bakhtin não discutia a linguagem propriamente dita, mas a pluralidade do pensamento em diversas áreas, como a arte, a filosofia, a história, o direito, a política, a religião, a música, etc. Esse universo era chamado pelo Círculo de ideologia. Depois do fim da Segunda Guerra, retorna a Saransk e assume a chefia do Departamento de estudos Literários na Universidade Estatal da Mordóvia, e,

concomitante a este cargo, ensina russo e alemão. Em 1975, devido a uma doença que debilitou seus ossos, falece na cidade de Moscou.

Para Bakhtin o romance não é um gênero como qualquer outro, “o romance incorpora vozes que estão fora do sistema, minando assim os demais gêneros. (BAKHTIN apud FIORIN, 2016, p. 128)”.

Já o mestiço, de origem humilde, Joaquim Maria Machado de Assis (1939-1908) foi escritor consagrado, ainda durante a Proclamação da República, escrevendo conto, teatro, romance e poesia, sendo reconhecido como um escritor completo. Todavia, é preciso dizer que sua infância foi de menino pobre e órfão, nunca frequentou escola, mas aos 10 anos já sabia ler e escrever.

Já adulto, trabalhou de caixeiro de uma livraria, tipógrafo, revisor de texto e por último, jornalista e escritor. Mais tarde ingressou como funcionário público e foi muito reconhecido pelos serviços prestados. A carreira de escritor contou com uma base sólida: o casamento estável com Carolina Novaes, uma portuguesa mais velha que o escritor. Apesar da relação consolidada, Machado de Assis nunca teve filhos.

Neste artigo, analisaremos a obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas” publicada em folhetim em 1880, na *Revista Brasileira*, e editado em livro no ano seguinte. Romance realista, é uma autobiografia de Brás Cubas, que, depois de morto, resolve escrever suas memórias. Entre os fatos ligados a sua vida, destacam-se: seus amores juvenis por Marcela, suas aspirações à vida política, sua amizade com o filósofo Quincas Borba e seu caso amoroso com Virgília, mulher de Lobo Neves. Este artigo propõe a seguinte problemática: como Machado de Assis faz uso das personagens da obra em questão para analisar as atitudes humanas, sobretudo no Rio de Janeiro, no século XIX? Para embasar nossa análise, utilizaremos as teorias sobre o plurilinguismo bakhtiniano. Vale ressaltar que o fato de Brás Cubas colocar-se como “autor defunto”, isto é, alguém que escreve além-túmulo, nos dá a impressão de que este relato seria caracterizado pela isenção, imparcialidade e liberdade de uma pessoa que já não tem necessidade de mentir, pois deixou o mundo e todas as suas ilusões.

Dito isso, é preciso lembrar que a linguagem, mesmo sendo mimética, ou seja, representativa de uma imagem, fato ou algo da realidade, ela está ligada há um tempo, a um espaço, a um contexto, a minha opinião diante do mundo, levando em consideração seus interlocutores. Na obra em questão, percebemos essas características no contexto socioeconômico do Rio de Janeiro em 1889, quando se Proclamava a República, e a

então Capital do país era bombardeada por utopias de prosperidade. Porém, apesar da sociedade Carioca viver o conflito proeminente das ideias liberais republicanas, a estrutura econômica arcaica, baseada no latifúndio e na oligarquia dominava, conforme notamos nas referências autobiográficas que Brás Cubas apresenta ao longo do romance.

Esse fator histórico se torna perceptível com a questão da heteroglossia vivida por Bakhtin, tendo este convivido com diferentes tipos sociais, e ao contexto político, econômico e social da Cidade do Rio de Janeiro, pois no romance de Machado, encontramos esses típicos indivíduos representados através de uma linguagem própria e adequada a sua profissão, condição financeira, política e social, representando mimeticamente a realidade vivida através da plurilinguagem e assim, transformando em objeto de nossa análise.

Conforme pontua Fiorin:

Todos os enunciados no processo de comunicação, independente de sua dimensão, são dialógicos. Neles existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro. É sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado pelo discurso alheio (FIORIN, 2016, p. 52).

Para José Luiz Fiorin em “Introdução ao Pensamento de Bakhtin” a linguagem sempre ocorre de forma dialógica, ou seja, carregamos sempre características do outro, com quem dialogamos ou interagimos. Assim, a impressão que temos desse outro vai influenciar na construção de nosso discurso. Fiorin argumenta ser impossível mantermos imparcialidade diante de determinadas formas de expressão, ou desconsiderarmos os fatores externos, sejam eles, padrão social, religião, a forma de vestir e até mesmo o cheiro, pois estamos em constante diálogo com o mundo que nos cerca.

As características bakhtinianas ligadas à ideologia, simbologia e aos aspectos culturais não passam despercebidas na obra Memórias Póstumas de Brás Cubas, que abre o período realista no Brasil, porque as personagens contemporâneas do protagonista estão inseridas em diferentes mundos sociais e cada uma delas é representada como estereótipo de individualidades, de personalidades e de linguagens individuais. Como a própria personagem central do romance diz, “A maior virtude de um defunto é a franqueza” e Machado utiliza desse atributo para criticar a sociedade

carioca da época através do pensamento e da vida vivida por Brás Cubas, uma vez que para a personagem central, o fato de já estar morto o deixa liberto de amarras e convenções sociais, dando-lhe alento para contar sua biografia a seu modo, afinal, como ressalta o próprio Brás Cubas, não há nada a esconder depois da morte.

Assim notamos esse rompimento mimético no romance “Memórias Póstumas de Brás Cubas” e a abertura para o plurilinguismo quando, de início, deparamos com a genialidade do escritor em criar um narrador morto, que não é propriamente um “autor defunto”, mas “um defunto autor”, que foge da linearidade do texto, começando do fim para o início, e usa dessa situação moribunda para falar aquilo que pensa, uma vez que, após a morte, não há nada mais o que se esconder.

1. Diversas vozes em um único texto

Diversas vozes podem aparecer dentro de um único texto se levamos em conta o contexto histórico, social, político, religioso, econômico, etc. das personagens de um determinado romance ou o momento em que vive o escritor. Beth Brait (2007, p. 69) afirma que “para Bakhtin a linguagem é um produto vivo da interação social das condições materiais e históricas de cada tempo e a propriedade mais marcante da língua é o fato dela ser dialógica”, assim, esse dialogismo faz a linguagem permanecer atual dando voz a uma situação narrada em um tempo específico, quando se passa a história ou quando quem escreve está presente no momento da narração.

No início do romance de Machado de Assis percebemos essa tensão dialógica que Brait descreve, quando o escritor, na voz de Brás Cubas, se propõe a escrever um romance que ele mesmo chamará de difuso e melancólico.

Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio. Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião (MACHADO, 1997, p. 16).

Incomodado a recepção do livro pelo leitor, a personagem assume claramente seu receio de ser rejeitado por seu público, uma vez que, já no primeiro capítulo, esclarece não se tratar de uma obra usual. Ainda assim, afirma o narrador, uma vez que se trata de uma autobiografia, irá apresentar-se.

O autor faz uma comparação de si mesmo a outros escritores (Stendhal, Sterne e Xavier de Maistre) autores conhecidos, cujos textos também usaram de ironia e de humor. É possível ainda que Machado de Assis tenha criado essa personagem insegura para justificar a novidade que ele propõe ao escrever *Memórias Póstumas*, pois este fugia das convenções românticas, escola literária imediatamente anterior, inovando com a forma, a linguagem e a personalidade das personagens, já que o próprio Brás Cubas era problemático e jocoso.

Esses heróis, Julien Sorel, de “O Vermelho e o Negro” e Tristram Shandy de “A Vida e as Opiniões do Cavaleiro Tristram Shandy”, que aparecem nos romances de Stendhal e Sterne, respectivamente, conseguem ascensão social e econômica, conforme ocorrera com Brás Cubas, pagando por ela o preço do fracasso, no plano afetivo. Com eles o romance realista tem como temática o velho dilema burguês - o amor ou o dinheiro - utilizando um processo narrativo de caráter documental, fotográfico, racionalista, idêntico ao que ocorre em *Memórias Póstumas*.

No capítulo trinta e dois “Coxa de Nascimento”, o plurilinguismo vai funcionar como denúncia para mudança de pensamento do leitor, conforme veremos mais adiante em Fiorin. Brás Cubas tinha acabado de receber a vista do pai, na fazenda da família, e este exigia a sua partida urgente para Rio de Janeiro, a fim de se casar, entrar para a vida política e fazer carreira. Lógico que o casamento seria com Virgília, grande amor de Brás Cubas e que já pertencia a uma família política tradicional da época. Brás Cubas já estava pronto para partir quando recebe um convite para jantar com Dona Euzébia, mãe de Eugênia que Brás estava a flertar. Depois do jantar, Dona Euzébia levou Brás para conhecer todos os cantos da fazenda, acompanhado de Eugênia, com quem este trocava insistentes olhares. Porém, durante o passeio, Brás nota que Eugênia coxeava – mancava – um pouco e no meio da conversa descobre que isso lhe era um defeito de nascença. Pela fala da personagem central do romance, notamos que por causa do seu problema físico, ele resolve partir, deixando a possibilidade de um amor verdadeiro para trás para tentar a carreira política:

“Palavra que o olhar de Eugenia não era coxo, mas direto, perfeitamente são, vinha de uns olhos pretos e tranquilos”. Creio que duas ou três vezes baixaram estes, um pouco turvados, mas duas ou três vezes somente; em geral, fitavam-me com franqueza, sem temeridade nem biocos. O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é às vezes um imenso escárnio (MACHADO, 1997, p. 82, aspas do autor).

O estudo de Bakhtin salienta que, “a fala do outro é introduzida no discurso do autor sob uma forma dissimulada, isto é, sem qualquer indicação formal da sua pertença a outrem, seja direta ou indireta. (BAKTIN, 1988, p. 77)”, assim, podemos perceber os sentidos de denúncia e de mudança social mais profundos que atravessam o romance, interferido na linguagem do autor e do narrador de maneira pluricultural, carregado de ironia, exageros e simulação, uma vez que Brás Cubas deixa a pobre Eugênia para trás, por ter um defeito físico, e vai à busca da vida financeira abastada na então Capital do Brasil, Rio de Janeiro, local em que Machado de Assis vivia e convivia com essa sociedade carioca interesseira e luxuosa do século XIX. Para Fiorin:

Os conceitos de individual e de social, em Bakhtin, não são, porém simples nem estanques. Em primeiro lugar o filósofo mostra que a maioria absoluta das opiniões dos indivíduos é social. Em segundo, explica que todo enunciado se dirige não somente a um destinatário imediato, cuja presença é percebida mais ou menos conscientemente, mas também a super destinatário, cuja compreensão responsiva, vista sempre como correta, é determinante na produção discursiva. A identidade desse super destinatário varia de grupo social para grupo social de uma época para outra, de um lugar para outro: ora ele é a igreja, ora ele é o partido, ora a ciência, ora a correção política (FIORIN, 2016, p. 31).

A fala do outro é introduzida no discurso do autor de uma forma dissimulada. A partir da fala de Fiorin, Machado está pensando no seu leitor, fazendo uma espécie de homilia a fim de que ele perceba como Brás Cubas foi desumano com Eugênia ao abandoná-la por ser coxa. A fala do autor parte do individual para o social, deixando de ser direcionada a um leitor/destinatário específico, mas, abrangendo o universal, fazendo que o leitor tenha uma atitude responsiva diante da personagem com a limitação de Eugênia. Como pontua Fiorin, Machado faz uma correção sociopolítica usando as personagens do romance para expor suas inquietações. Nesta perspectiva, a mudança social que o romance promove no leitor passa a ser pluricultural, pois transforma a opinião de quem o lê.

A teoria bakhtiniana ressalta essa possibilidade de dar voz a um tipo estereotipado, utilizando como recurso estético a ironia e o humor, uma vez que ao se desumanizar o subalterno com referências da comédia, de certa forma, também estaria apresentando-o como um ser que está à margem de um determinado padrão que fora imposto pela sociedade, ou simplesmente como um fracassado. Implicitamente, Machado de Assis impõe esse fator estereotipado a Eugênia, que pela condição

feminina ainda era coxa, possuidora de uma deficiência física e que a tornava ainda mais vulnerável e frágil.

Mais adiante no romance, essa proposta de Bakhtin torna-se evidente quando, aparece à figura de Quincas Borba, um mendigo outrora rico, chegando a participar de jantares em sociedade com Brás Cubas. Ambos estudaram juntos, e, na intimidade do cotidiano, Quincas se auto aclamava rei e líder, mas em decorrência das peripécias da vida, acabara se tornando um vulnerável social. O pobre Quincas Borba, na situação em que se encontrava, quer foi lembrado por Brás, que, ao contrário, demonstrava repugnância pelo homem que estava a sua frente, conforme a descrição feita por ele:

Imaginem um homem de trinta e oito a quarenta anos, alto, magro e pálido. As roupas, salvo o feitio, pareciam ter escapado ao cativo de Babilônia; o chapéu era contemporâneo do de Gessler. Imaginem agora uma sobrecasaca, mais larga do que pediam as carnes, — ou, literalmente, os ossos da pessoa; a cor preta ia cedendo o passo a um amarelo sem brilho; o pelo desaparecia aos poucos; dos oito primitivos botões restavam três. As calças, de brim pardo, tinham duas fortes joelheiras, enquanto as bainhas eram roídas pelo tacão de um botim sem misericórdia nem graxa. Ao pescoço flutuavam as pontas de uma gravata de duas cores, ambas desmaiadas, apertando um colarinho de oito dias. Creio que trazia também colete, um colete de seda escura, roto a espaços, e desabotoado (MACHADO, 1997, p. 116).

Há uma crítica velada do escritor nessa passagem, quando é mostrando ao leitor um indivíduo que no passado posava de senhor perante os demais, gozava de prestígio social, e que agora, somente encontra refúgio nas escadarias da igreja de São Francisco. A ironia feita, sutilmente por Machado, é transposta para a fala de Brás Cubas, demonstrando ao leitor que as diversas situações da vida sofrem mudanças, e nem sempre permanecem estáticas.

Bakhtin denomina esse tipo de narrativa de bivocalidade plurilinguística, que é quando um interfere na fala do outro destacando a intenção do autor: “ela serve simultaneamente a dois locutores e exprime ao mesmo tempo duas intenções diferentes: a intenção direta da personagem que fala e a intenção refrangida do autor (ARAÚJO, 2002, p.109)”. Nesse discurso há duas vozes, dois sentidos, duas expressões. Nessa passagem do texto de Machado, se pensarmos na sua infância, no seu contexto de vida enquanto pobre e negro pode-se perceber essa crítica velada ao contexto social de Quincas Borba.

Outra circunstância onde há (con)fusão entre a vida do escritor com a do narrador, é no capítulo “Bacharelo-me”, quando Brás Cubas narra a sua formatura em

direito e faz uma crítica a universidade e ao meio academicista que, muitas vezes possuem títulos, mas a ciência não está arraigada no cérebro, fato que se evidencia na vida do escritor já que este nunca cursou uma universidade:

A Universidade me esperava com suas matérias áduas; estudei-as muito mediocramente, e nem por isso perdi o grau de bacharel; deram-me com a solenidade do estilo, após os anos da lei; uma bela festa que me encheu de orgulho e de saudades, - principalmente de saudades. Tinha eu conquistado em Coimbra uma grande nomeada de folião; era um acadêmico estroina e superficial, tumultuário e petulante, dado às aventuras, fazendo romantismo prático e liberalismo teórico, vivendo na pura fé dos olhos pretos e das constituições escritas. No dia em que a Universidade me atestou em pergaminho, uma ciência que estava eu longe de trazer arraigada no cérebro, confesso que me achei de algum modo, logrado, ainda que orgulhoso (MACHADO, 1997, p. 62).

Nota-se neste excerto um monólogo interior de Brás Cubas que se cobra por algo conquistado de forma mentirosa, conforme propõe o realismo, submetendo as personagens desse período a um destino determinista, quase sempre cego e inevitável, analisando profundamente os sentimentos e anseios humanos. O discurso fechado dele para ele mesmo, a ironia empregada numa fundamentação pseudo-objetiva é uma marca da bivocalidade entre o narrador e o autor. Além da ironia, percebe-se a indignação da personagem e a apresentação de uma reflexão interna impregnada de um discurso direto e impessoal de Brás, combinando harmonicamente o monólogo interior do narrador com o contexto do autor.

No capítulo final do romance, intitulado “Das Negativas”, Brás Cubas nos apresenta um balanço geral da sua vida, dizendo, entre outras coisas, que não conseguiu produzir o emplasto que salvaria a humanidade, não foi político, não se casou e não teve filhos. Esta última informação também nos remete ao contexto de vida do escritor Machado de Assis, pois, mesmo tendo um casamento consolidado, ele nunca teve filhos, como o finado Brás Cubas:

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci da morte de Dona Plácida, nem a semidemência de Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve minguagem nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E Imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: - Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria (MACHADO, 1997, p. 234).

Para exemplificar essa passagem em que há proximidade entre a vida do autor e a vida da personagem, Bakhtin defende em sua teoria do plurilinguismo que “às vezes,

o autor se solidariza com ela, apenas mantendo uma distância mínima, e, de vez em quando, fazendo ressoar diretamente nela a sua própria “verdade” isto é, confundindo inteiramente a sua voz com a dela, (BAKTIN, 1988, p. 37)”.

Fiorin salienta que o livro de Machado de Assis faz uma conexão entre o passado e o futuro, pois apesar do narrador Brás Cubas ter morrido em 1869, aos 64 anos, a ação acontece no tempo do autor e dos leitores.

O romance representa uma continuidade entre o tempo do narrado e o da narração. Por isso, o mundo representado é o do presente, o tempo do autor e dos leitores. É isso que permite a representação do autor no interior do romance. O passado serve para entender o presente (FIORIN, 2016, p.132).

Essa possibilidade de entender o presente analisando o passado dá a Machado de Assis a implacável consciência dos problemas morais e sociais que rodeou a sua vida e a da sociedade com a qual conviveu. Essa refração individual, que Bakhtin vai chamar de “espelho do mundo” promove o autor dentro do romance, mesmo quando ele é interlocutor, uma vez que ele não se repete, mas sim, se torna sujeito da linguagem, conforme postula o professor Odilon Fleury Curado (2011, p. 26): “o ser humano, para essa concepção, representa para si o mundo por meio da linguagem. A função da linguagem seria, pois a de representar (refletir) seu pensamento, seu conhecimento de mundo”.

Bakhtin diz que não pode haver discurso destituído de interferências exteriores. O que está ao redor – contexto - influenciará a fala do autor, seja por meio das personagens ou por meio da opinião de quem escreve, pois a escrita sempre virá com algum resquício de quem a produziu, ou seja, o próprio autor. Para ele, apenas Adão conseguiu produzir uma fala livre, alheia ao contexto:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra do mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar (Bakhtin, 1988, p. 88).

De tal modo, por mais que a linguagem de Brás Cubas fosse livre, nua e crua como sugere o período da obra - realismo - apesar desse momento literário aceitar a

condição de uma personagem morta e usar desse recurso para não ter receio em narrar os fatos, não se pode inferir que ele, como Adão, teria um discurso puro de influências - uma vez que seu discurso está atravessado pelas outras personagens com quem conviveu e com a linguagem do próprio autor, Machado de Assis. Nem autor, nem personagem estão livres. O autor captou as informações ao seu redor e a transpôs para livro dando voz à personagem de Brás Cubas e ênfase ao contexto social em que viveu.

Portanto, uma das chaves para compreender a obra de Machado de Assis é justamente desconfiar da protagonista Brás Cubas, narrador de fatos a partir de sua visão de mundo, colocar em dúvida a veracidade do que é contado, tendo em vista o contexto a qual está inserido e as pessoas ao seu redor que aparecem fundidos na sua linguagem e prestar atenção em algumas pistas denunciadoras de suas mentiras, seus exageros e sua mania de grandeza, características norteadoras do plurilinguismo.

Para exemplificar, uma situação cômica revelada de forma irônica e humorística é a relação do D. Vilaça, casado e pai de família e a jovem adúltera D. Euzébia: numa recepção dada na época, os dois saem às escondidas para saciar seus desejos libidinosos no jardim quando o protagonista Brás Cubas, ainda criança assiste a tudo, escondido atrás de uma árvore. Retornando à festa, ele entra gritando para todos os presentes o que acabara de presenciar, causando um escândalo e muito furor e burburinho entre os convidados, tudo, claro, era hipocrisia.

- Estou muito zangada com o senhor, dizia ela.
- Por quê?
- Porque... não sei por que... porque é minha sina... creio que às vezes é melhor morrer...
- Deixe-me, disse ela.
- Ninguém nos vê. Morrer meu anjo? “Que ideias são essas” você sabe que eu morrerei também... que digo?... morro todos os dias, de paixão, de saudades... Dona Euzébia levou o lenço aos olhos. O glosador vasculhava na memória algum pedaço literário e achou este, que mais tarde verifiquei ser de uma das óperas de judeu:
- Não chores, meu bem; não queira que o dia amanheça com duas auroras.
- Disse isso; puxou-a para si. Ela resistiu um pouco mas deixou-se ir; uniram os rostos, e eu ouvi o estalar, muito de leve, um beijo, o mais medroso dos beijos.
- O doutor Vilaça deu um beijo em Dona Euzébia! Bradei eu correndo pela chácara. Foi um estrondo minha palavra; a estupefação imobilizou a todos (MACHADO 1997, p. 44).

O próprio teórico russo diz que “a forma exteriormente mais evidente e, ao mesmo tempo, historicamente mais importante de introdução e organização do plurilinguismo é assim dado pelo chamado romance humorístico. (BAKTIHN, 1988, p. 80)”. Nesse episódio do romance, Machado de Assis chama a atenção do leitor para a

questão do adultério, através de uma travessura de criança, que mesmo ingênua, percebe o que se passa entre o casal adúltero e revela essa situação extraconjugal dos dois.

Por fim, não poderíamos deixar de mencionar neste trabalho a relação adúltera e interesseira de Marcela com Brás Cubas. Segundo o próprio narrador, o romance teve dois momentos: a fase consular, quando o seu amor era dividido com o Xavier e depois a fase imperial quando dominava completamente o coração da espanhola. A passagem da primeira para a segunda etapa do relacionamento, porém não foi barata: Brás Cubas precisou arrecadar dinheiro de seu pai, de sua mãe, com agiotas e até sacar altas quantias de dinheiro do banco sem o consentimento dos seus progenitores, tudo para bajular Marcela com joias e outros presentes.

E, se era jóia, dizia isto a contemplá-la entre os dedos, a procurar melhor luz, a ensaiá-la em si, e a rir, e a beijar-me com uma reincidência impetuosa e sincera; mas, protestando, derramava-se-lhe a felicidade dos olhos, e eu sentia-me feliz com vê-la assim. Gostava muito das nossas antigas dobras de ouro, e eu levava-lhe quantas podia obter; Marcela juntava-as todas dentro de uma caixinha de ferro, cuja chave ninguém nunca jamais soube onde ficava; escondia-a por medo dos escravos. A casa em que morava, nos Cajueiros, era própria. Eram sólidos e bons os móveis, de jacarandá lavrado, e todas as demais alfaias, espelhos, jarras, baixela, — uma linda baixela da Índia, que lhe doara um desembargador. Baixela do diabo, deste-me grandes repelões aos nervos. Disse-o muita vez à própria dona; não lhe dissimulava o tédio que me faziam esses e outros despojos dos seus amores de antanho. Ela ouvia-me e ria, com uma expressão cândida, — cândida e outra coisa, que eu nesse tempo não entendia bem; mas agora, relembro o caso, penso que era um riso misto, como devia ter a criatura que nascesse, por exemplo, de uma bruxa de Shakespeare com um serafim de Klopstock. Não sei se me explico. E porque tinha notícia dos meus zelos tardios, parece que gostava de os açular mais. Assim foi que um dia, como eu lhe não pudesse dar certo colar, que ela vira num joalheiro, retorquiu-me que era um simples gracejo, que o nosso amor não precisava de tão vulgar estímulo (MACHADO, 1997, P. 50).

Marcela era uma mulher interesseira e vivia do dinheiro de seus amantes. Em sua casa guardava presentes de antigos amantes, o que irritava Brás Cubas. No entanto, ela alegava que o amor de ambos não necessitava desse tipo de artifícios ou regalias e, ao mesmo tempo falava sobre alguma joia que vira em alguma joalheria que a deixara muito impressionada com a beleza e requinte da peça. O pobre jovem Brás Cubas se deixava seduzir pelas palavras de Marcela e atendia aos seus desejos conforme o excerto anterior extraído do romance.

Machado de Assis ao descrever em detalhes a relação entre Marcela e Brás Cubas, faz uma construção da personagem feminina, do período realista, em que, além de ser mais velha, encontrava como subterfúgio para sua sobrevivência, amores interesseiros, que custeavam suas regalias. Bakhtin pontua que a nossa interação e

aceitação com os fatos do cotidiano, são influenciados e carregados de valores sociológicos que vai determinar sua aceitação ou negação: “... o mundo só adquire sentido para nós, quando semiotizado. E mais: como a significação dos signos envolve sempre uma dimensão axiológica, nossa relação com o mundo é sempre atravessada de valores (BAKHTIN, 1988, p. 32)”.

Em outras palavras, para o teórico, nossas impressões verbais penetram nas camadas da avaliação pessoal, na camada dos discursos sociais que recobrem as coisas, disseminando assim, o dialogismo, e não o diálogo, pois se verifica uma tensão na fala de quem a expõe, conforme verificamos na fala do pai de Brás Cubas, ao denegrir a imagem da Marcela e do próprio Brás, quando nos descreve o seu valor sentimental para a sua amada: “Marcela amou-me durante onze meses e quinze contos de reis nada menos”. Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raias de um capricho juvenil (MACHADO, 1997, p 53).

Assim nesta passagem percebemos a crítica velada feita pelo autor sobre o amor. O sentimento poderia ser pago por alguns contos desde que a personagem Marcela atendesse aos caprichos da protagonista do enredo, e este estaria feliz por se sentir amado. O plurilinguismo fica evidente ao relacionarmos a situação histórica da obra com a mulher quinquagenária do século XIX e a denúncia social proposta por Machado: esta não tendo meios para sobreviver, acabava se vendendo e ficava mal vista pela sociedade.

Como vimos desde o início deste artigo, *Memórias Póstumas* apresenta uma diversidade de fatos conflituosos, irônicos, humorísticos e de denuncia aos tipos estereotipados, aos vulneráveis socioeconômicos e a mulher submissa aos anseios masculinos. Todas essas características tornam-se abundantes para a aplicação da teoria do plurilinguismo, pois os tipos marginalizados são inseridos no texto e passam a ter voz para denunciar a situação vivida, seja através da fala de Brás Cubas ou da escrita de Machado de Assis.

Considerações finais

Não é fácil compreender a escrita literária machadiana e a teoria bakhtiniana. Ambos os autores se propõe a fazer com que seus leitores pensem em diversas interpretações possíveis, sejam elas para uma reflexão social ou para a intervenção que o outro exerce na construção do texto por meio da linguagem, respectivamente.

Considerando-se o contexto histórico brasileiro da segunda metade do século XIX, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, abordou temas que estavam voltados para uma realidade político-social e, funcionou como denúncia e crítica a uma falsa sociedade, ao abordar temas universais, através da escrita de Machado de Assis, que em algumas passagens da obra deixa transparecer essa sua avaliação e impressão na voz do “defunto autor” Brás Cubas.

Essas interferências que Bakhtin vai chamar de plurilinguismo, além de dar voz a tipos marginalizados por meio da ironia e do humor, também abre espaço para que se verbalize a visão de uma determinada época através de personagens que nos contam uma história, afinal, o que é contado não busca apenas uma relação direta com o objeto narrado, mas também por olhares que a palavra do outro transmite ou omite numa narração.

Assim, Machado de Assis e Mikhail Bakhtin nos aguça a visão e o pensamento para uma análise simbólica, histórica e social através das plurais possibilidades de se contar um fato e observar na voz do outro a sua intenção enquanto dono do discurso.

Referências

- ARAÚJO, K. B. *O Plurilinguismo na linguagem romanesca segundo Bakhtin*. Disponível em: http://www.todasasmusas.org/10Karin_Bakke.pdf. Acesso em: 12/09/2016 14h35min.
- ASSIS, M. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. O Globo, Editora Klick, São Paulo: 1997.
- BAKHTIN, M. *Os Gêneros do Discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. 1ª ed. Editora 34, São Paulo: 2016.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. Editora Hucitec, São Paulo: 1979.
- _____. *O discurso no romance*. Questões de literatura e estética. A teoria do romance. Trad. A.F. Fernadini et al. 6. ed. Editora Hucitec, São Paulo: 2010.
- CURADO, Odilon Helou Fleury. *Linguagem e dialogismo*. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 26-33, v. 11. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40353/4/01d17t02.pdf> Acesso em 03/02/2017 em 00h25min.
- FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. Editora Ática, São Paulo: 2006.